

Tribuna Operária

ANO V — Nº 189 — DE 15 A 21 DE OUTUBRO DE 1984

Cr\$ 500,00

Comícios pró-Tancredo agitam a Amazônia

Operação de guerra na ida de Maluf a São Luís

Soldados e dois aviões usados para evitar manifestações de repúdio.

Pág. 3

Com os comícios dos dias 12, em Belém do Pará, e 13, em Manaus, a candidatura Tancredo Neves confirma sua notável popularidade, já testada em Goiânia e Porto Alegre. A *Tribuna* ouve a opinião

dos metalúrgicos amazonenses e atesta que o comparecimento aos comícios reflete o anseio de mudança do povo trabalhador, que deságua no apoio a Tancredo. Pág. 3



Governadores do PDS abandonam em massa a candidatura Maluf

Após um jantar que causou indigestão em Figueiredo, praticamente todos decidiram "tancredar". Pág. 4

Mutilados do sisal vão à rua pelo direito de se aposentar

Depois de perderem as mãos, nas máquinas de desfibrar sisal, eles são jogados na miséria. A lei só dá aposentaria a quem perde as duas mãos! Dai o protesto dos trabalhadores. Pág. 7



Mais de 300 dos mil participantes da passeata em Coité eram mutilados como Pedro dos Santos, 16 anos.

EDITORIAL

Fim de festa

“Você que está me ouvindo. Teria sido possível seguir um caminho melhor?” — Foi a pergunta patética de Figueiredo aos brasileiros em cadeia nacional de rádio e televisão na última terça-feira, dia 9.

A resposta o general se recusa a escutar mas já foi dada por milhões de brasileiros nos comícios em todo o Brasil, ao exigir eleições diretas para condenar nas urnas o regime de traição nacional implantado desde 1964. E agora esta mesma resposta continua sendo manifestada, incorporando setores ainda mais amplos que aderem à candidatura das oposições para conquistar um governo de transição democrática.

O Brasil inteiro diz não aos generais e aos 20 anos de entreguismo, corrupção e prepotência. A pressão é tão intensa que mesmo os governadores do PDS recusam-se a acatar a ordem oficial do Planalto, recusam-se a “Malufar”, e tendem a apoiar Tancredo Neves.

O governo encontra-se condenado ao imobilismo. Figueiredo está isolado, sem capacidade de apresentar qualquer solução para os problemas brasileiros. Seu candidato, Paulo Maluf, só pode aparecer publicamente com um verdadeiro aparato bélico para o proteger do repúdio popular.

Apesar disto, o general Figueiredo não tem vergonha de aparecer na tevê tentando manipular dados, dizendo que seu governo traçou como objetivo garantir emprego para todos (os milhões de desempregados que o digam!) e assegurar a todos os frutos do progresso (com o decreto 2.0657). E com a maior cara de pau ainda se disse preocupado em evitar a dependência do país ao exterior (com uma dívida externa de 100 bilhões de dólares e após ter assinado os acordos de submissão do país ao FMI!).

Depois de tudo isto, vendo todos os planos oficiais serem desmentidos pelos fatos, sentindo oposição cada vez maior dentro

das próprias fileiras do PDS, abandonado pelos governadores, não tendo êxito nem mesmo na mobilização da maioria de seus ministros para apoiar Paulo Maluf, a atitude do presidente é mandar um recado à imprensa, através de um senador, considerando-se traído!

A verdade é bem outra. O Brasil é que está farto de traição. A unidade e luta do povo e dos democratas criou condições para dar um basta à ditadura da corrupção, do entreguismo e do arbitrio.

A pesar da arrogância dos generais e de seu apego desesperado ao poder e aos privilégios adquiridos nestes 20 anos, o clima em Brasília é de fim de festa. A oligarquia encastelada no Planalto ainda tenta garantir postos e vantagens, mas o ambiente que vai se impondo nas hostes governistas é o de derrota.

Cabe ao povo apressar este desfecho. Sem aceitar as provocações compete a todos os oposicionistas ampliar e solidificar sua unidade. E pôr fim às vacilações dos que ainda hoje relutam em sair às ruas com a candidatura de Tancredo Neves. Os comícios de Belém e Manaus, neste fim de semana significam um novo impulso na jornada de massas inaugurada em Goiânia. Mas ainda se coloca como tarefa urgente dinamizar a campanha e agitar em todo o país as bandeiras da liberdade e da democracia.

Nestes três meses ainda haverá muitas manobras do regime. Maluf, vendo-se batido, apelará para novas provocações, e acentuará cada vez mais o caráter fascista e corrupto de sua candidatura. Certamente surgirão também novas ameaças dos generais. Mas diante das massas nas ruas, diante da unidade das mais amplas correntes que se opõem ao continuismo do regime, estão criadas as condições reais para dar o golpe de misericórdia no sistema de governo implantado com a quartelada de 1964.

Um jornal de combate pelo ideal socialista

Tribuna Operária
5 anos

No quinto aniversário da Tribuna Operária, iniciamos uma série sobre a trajetória do jornal e os desafios para a imprensa operária. Pág. 10

PC do B defende reforço da unidade dos oposicionistas

Em palestras nas capitais nordestinas, João Amazonas apóia Tancredo. Pág. 4

Sindicatos operários recebem Tancredo em SP

Para eles, o importante é ter um governo de liberdade. O resto fica por conta das lutas do movimento operário e sindical. Página 10

Apanhadores de laranja em greve contra calote

Assalariados rurais de Bebedouro pararam para garantir aquilo que conquistaram em maio mas os patrões não cumpriram. Pág. 7

Eleições mostram como os estudantes encaram a sucessão

Nas urnas das entidades estudantis vence quem apóia candidato das oposições. Pág. 6

Campanha eleitoral na reta final nos EUA

A campanha eleitoral entra na reta final nos Estados Unidos. No dia 7 Walter Mondale, pelo Partido Democrata, e o candidato à reeleição, Ronald Reagan, pelo Partido Republicano, realizaram um debate pela televisão, transmitido para vários países do mundo. Trataram da situação interna dos EUA. No dia 21 fará novo debate, sobre política externa.

Os dois candidatos apresentaram seus programas como uma perspectiva de melhoria das condições de vida do povo. No "duelo" da televisão, as pesquisas indicaram que Mondale se saiu melhor do que o cowboy de filmes de terceira categoria, Ronald Reagan. De fato, Mondale não teve muitas dificuldades para atacar a política desastrosa do governo Reagan, que tem deteriorado o nível de vida da população norte-americana. Mas a verdade é que Democratas e Republicanos são serviços confiáveis e devotos dos interesses do capital e das multinacionais monopolistas ianques. Mas vejamos a que o povo norte-americano foi relegado sob a administração de Ronald Reagan:

Jimmy Carter, do Partido Democrata — de quem Mondale foi vice-presidente —, deixou para Reagan, em 1980, 7 milhões de desempregados nos EUA. O cowboy chega ao fim deste mandato deixando 13 milhões de desempregado no país, e o subemprego cresce 15% nos últimos quatro anos. Há a agravante de que o desemprego é maior nos Estados industriais (superior a 10% da população ativa). A maioria dos desempregados pertence a setores-chaves da produção como a indústria de aço. A maior siderúrgica do país, a U.S. Steel, somente de 1982 para cá demitiu 12 mil operários! Os infelizes, quando conseguem um outro emprego, é por salários em média 20% inferiores ao do emprego original.

O democrata Carter deixou para o republicano Reagan 33,5 milhões de pessoas vivendo em condições oficiais de pobreza. Agora são 35,5 milhões de "oficialmente pobres". Destaque-se que muitas pessoas caem para faixas de baixa renda, mas não



Desempregados buscam comida numa "cozinha de sopa", enquanto Reagan e Mondale "duelam" na tevê

linha telefônica especial, nos EUA, sem escuta dos órgãos de repressão. Parece até o Brasil!

Mas então tudo vai mal nos EUA? Nem pensar. A indústria de guerra vai bem, obrigado. Afinal, se Jimmy Carter já a tratava com carinho, garantindo-lhe 132 bilhões de dólares do orçamento, Reagan aumentou as verbas para 313 bilhões de dólares no período 84/85! Os grandes monopólios também continuam aumentando seus rendimentos fabulosos. Somente no ano passado eles lucraram 63 bilhões de dólares. Isso quando os EUA enfrentam o maior número de falências de empresas desde 1932: 90 em cada 10 mil empresas fecham suas portas — a imensa maioria, pequenas e médias empresas, é claro. Enquanto isso os monopólios se fortalecem. Como a Standard Oil da Califórnia, do multimilionário republicano Rockefeller, que incorporou a Gulf Oil, pela bagatela de 13,2 bilhões de dólares.

Não por acaso os monopólios doaram 27 milhões de dólares para a campanha eleitoral de Reagan. Pelo sim, pelo não, investem também na campanha de Mondale, pois sabem que igualmente o Partido Democrata nunca deixou de defender com empenho seus interesses, quando esteve no poder. E o povo norte-americano fica na embaraçosa situação de escolher qual dos membros da classe dominante, o Republicano ou o Democrata, vai oprimi-lo no próximo quadriênio. (Carlos Pompe)

Titista reconhece falência da autogestão na Iugoslávia

A Iugoslávia vem se afundando na crise econômica. A afirmação não parte de nenhum adversário do "socialismo autogestionário" criado por Tito para se contrapor ao socialismo científico marxista. A constatação da crise foi feita por um dirigente da

Liga dos Comunistas, que está no poder naquele país, Yuri Bilitz. Ele declarou a falência do "socialismo específico" iugoslavo numa entrevista à revista "Danas", de Zagreb, que recebeu o significativo título de "Estamos numa encruzilhada"...

Entre janeiro e julho deste ano, a inflação iugoslava foi de 61%, enquanto que o dinar, moeda local, foi desvalorizada no mesmo período de 136 para 166 dinares por dólar. Ao mesmo tempo está havendo uma drástica redução de investimentos internos. É uma situação grave, que levou Bilitz a temer a "destruição do país".

O dirigente revisionista tem motivos para essas preocupações. Afinal, existem sintomas de descontentamento entre a população iugoslava. E dentro da própria Liga anti-marxista grassam as disputas intestinas.

Explicando que o fardo da crise econômica recai cada vez mais sobre a classe operária, Yuri declarou: "Em nossa sociedade não existe igualdade. O princípio de 'a cada um segundo seu trabalho ou merecimento' não é aplicado. Isso resulta em grandes diferenças sociais... As desigualdades sociais são fruto das especulações, mordomias e corrupção".

Há mudanças à vista na Iugoslávia. Mas, sob a batuta da Liga titista, as mudanças são para pior na Assembléia Federativa do país está para ser aprovada uma nova lei sobre o investimento de capital estrangeiro nas empresas iugoslavas, suspendendo qualquer limitação às sociedades monopolistas norte-americanas, inglesas, alemãs ocidentais, soviéticas etc. Pela lei, também serão retiradas as restrições às remessas de lucros para os exploradores estrangeiros. *Olívia Rangel*

Socialismo falsificado

As declarações de Yuri Bilitz e os dados publicados sobre a situação da economia iugoslava indicam que aquele país encontra-se numa crise idêntica à dos países abertamente capitalistas: inflação, dívida externa, baixos salários. E, consequentemente, problemas no governo e conflitos sociais.

Embora atingindo índices alarmantes agora, os problemas da Iugoslávia não são novos. Começaram a surgir pouco depois da libertação, quando Tito extinguiu o Partido Comunista, criou a chamada Liga dos Comunistas Iugoslavos e o governo abriu o país ao capital estrangeiro.

O capital estrangeiro logo obteve o direito de deter 70% das ações das empresas iugoslavas. Todas as medidas tomadas no rumo do desenvolvimento socialista, como tentativa de coletivização da agricultura, foram paulatinamente revogadas pela Liga. As terras voltaram para as mãos dos grandes proprietários. Os parques de máquinas e tratores, controlados pelo Esta-

do, foram suprimidos, para ceder lugar à empresa privada.

Desenvolveu-se a teoria da "autogestão", que combate a concentração dos meios de produção pelo Estado. Defende que a propriedade socialista seja desmembrada em grupos particulares de operários que teoricamente a administram diretamente. Isso favorece a competição de grupos e o surgimento de uma aristocracia também na indústria. Os dirigentes das empresas, do Estado, da Liga e do Exército acabam constituindo uma casta exploradora local.

Por outro lado, como o Estado não controla a entrada de capital estrangeiro, ocorre o que hoje se vê: os operários "administram" uma empresa que de fato pertence à burguesia local ou ao imperialismo internacional. Os lucros, como sempre, vão para os capitalistas... Em outras palavras, a autogestão iugoslava não passa de uma nova forma da burguesia explorar o proletariado, com uma aparência de desenvolvimento socialista para inglês ver.



Nos apartamentos estatais da Albânia, o aluguel é equivalente a dois dias de trabalho

Melhora o nível de vida dos albaneses

Num sistema socialista como o da Albânia, o aumento do produto social num ritmo mais elevado que o crescimento da população é a base para o crescimento da renda nacional e a consequente melhoria do bem-estar da coletividade. Como não existe a apropriação privada, essa renda é inteiramente distribuída entre os membros da sociedade, fato que surpreende o visitante brasileiro, habitualmente explorado por um modelo altamente concentrador aqui vigente.

Desde 1950 a 1981, o produto social aumentou 11,9 vezes e a população cresceu 2,2 vezes. Na Albânia, o crescimento vegetativo da população — que chega a 3% ao ano — é dos mais elevados da Europa. Em 1985, em relação a 1980, o produto social deverá aumentar de 34 a 38% e a população, apenas 11%. Daí por que o aumento da renda nacional é muito elevado. De 1960 a 1970, por exemplo, cresceu 7,2% enquanto no restante da Europa a média de crescimento médio anual da renda era de 4,6%. Em relação ao período anterior à libertação, não há nem comparação. De 1927 a 1938, a renda nacional da Albânia semifeudal cresceu 12%, isto é, 1% ao ano.

Uma parte da renda nacional vai para o chamado Fundo de Acumulação, responsável por bancar o desenvolvimento da produção e a criação de reservas indispensáveis. Outra parte, maior, vai para o Fundo de Consumo, que arca com o pagamento dos salários, dos seguros sociais, saúde, educação, cultura etc. Importante é que o salário mensal do trabalhador não representa tudo o que ele recebe da renda nacional. Sua fatia da renda inclui os serviços sociais inteiramente gratuitos. Por isso, cada família tem um benefício médio anual equivalente a 4.000 leks além do salário mensal. O lek é a moeda albanesa e equivale a 7,5 dólares.

SEM IMPOSTOS NEM TAXAS

A Albânia é o único país do mundo em que a população não paga qualquer espécie de impostos e taxas. Eles foram abolidos em 1969. Essa política tributária bem demonstra como, ao contrário do capitalismo, o socialismo é um regime voltado para os trabalhadores. Nos países capitalistas, os impostos representam até 90% do orçamento do Estado e sempre recaem sobre as costas dos trabalhadores. "Amílias dos Estados Unidos e da Alemanha

40 anos de revolução albanesa

Occidental, por exemplo, gastam 30% de sua renda pagando impostos.

O preço das mercadorias no comércio albanês — que é estatal — é único em todo o país, regulado não pelo mercado, mas pela planificação da economia. Constantemente baixa de valor. De 1950 até hoje, já houve 17 rebaixas de preços na Albânia, que resultaram num benefício para a população na ordem de 4 bilhões de leks. Eu cheguei a conferir pessoalmente isso. Em 1982 estive na Albânia o jornalista brasileiro Jaime Sautchuk e verificou o preço de uma máquina de lavar roupa, de uso muito comum: 1.700 leks. Quando eu lá estive, quase dois anos depois, constatei que o preço havia caído para 1.200 leks.

Em Skhodka, no norte, comprei um cachecol por 40 leks. Em cada cidade que passei, depois, verifiquei o preço do mesmo cachecol e não variava: sempre 40 leks. Repeti esta experiência com outros produtos que comprei na Albânia. E que o cálculo do preço das mercadorias não é um simples cálculo técnico, contábil, mas um cálculo social. Na medida em que aumenta a produtividade e diminui o custo de produção das mercadorias, essa diferença é repassada ao consumidor, que passa a pagar menos pelo produto. No regime socialista não existe a propriedade privada dos meios de produção, não existe a instituição do lucro capitalista. O jogo livre do mercado, como acontece sob o capitalismo, eleva constantemente os preços e golpeia o nível de vida dos trabalhadores. De 1970 a 1980 o custo de vida cresceu 3,9 vezes na Itália, 3,7 vezes na Inglaterra, 4,4 vezes na Espanha e 6,6 vezes na Iugoslávia.

Além disso tudo, os aluguéis na Albânia são os mais baratos do mundo. Representam no máximo o salário de dois dias de um operário. Atualmente, 80% dos albaneses vivem nos mais de 300.000 apartamentos construídos durante os anos do poder popular. De 1981 até 1985, terão sido construídos mais 80.000 apartamentos, onde irão morar cerca de 400.000 pessoas. (Luís Manfredini)



Os guerrilheiros controlam várias cidades de Chalatenango, onde haverá o diálogo

Governo aceita diálogo com FMLN

No próximo dia 15, o presidente José Napoleón Duarte irá a La Palma, no departamento de Chalatenango, zona controlada pelos guerrilheiros, para dialogar com os dirigentes da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional — FMLN. É a prova da falência da política belicista do governo de El Salvador, sustentado por dinheiro e armas norte-americanas, diante dos lutadores pela liberdade que não hesitam em pegar em armas para defender os direitos do povo desse pequeno país da América Central.

Desde maio os guerrilheiros vêm propondo o diálogo com o governo. Mas Napoleón Duarte impunha como condição a entrega das armas pela FMLN. Isto, na prática, era a capitulação diante dos inimigos do povo, armados até os dentes pelos imperialistas ianques. Agora Duarte, diante da resistência guerrilheira, viu-se obrigado a abrir mão de condições prévias e aceitou o diálogo, em território guerrilheiro. O presidente da Colômbia, Belisário Betancur, será o mediador do encontro.



Operários, camponeses, líderes democráticos e populares, caravanas do interior lotaram o auditório da UFAL em Maceió

Amazonas defende unidade com Tancredo no Nordeste

Uma série de palestras do dirigente comunista João Amazonas em quatro capitais do Nordeste movimentou milhares de pessoas, no início do mês. As conferências, sobre a atual conjuntura e a sucessão presidencial, transformaram-se em acontecimentos políticos da maior importância. O líder do PMDB na Assembleia Legislativa de Pernambuco, Sérgio Guerra, por exemplo, declarou-se "vivamente impressionado" com a exposição de Amazonas, que "ajudou muito a esclarecer o povo sobre o que significa a candidatura de Tancredo Neves para a conquista da liberdade neste país".

No dia 3, João Amazonas falou a uma plenária lotada de líderes estudantis, sindicalizados e muitos trabalhadores no auditório da Universidade Federal de Sergipe, em Aracaju. Considerando que a vitória da Aliança Democrática na sucessão presidencial "será uma vitória do povo", Amazonas chamou a atenção para o fato de que "ao longo destes 20 anos, o povo brasileiro soube deslocar com habilidade sua luta contra a ditadura, até preparar o golpe final para a derrocada definitiva deste regime".

O dirigente comunista frisou que "nós não temos ilusões quanto ao fato de que o sr. Tancredo Neves é um político moderado e até conservador, e portanto não será capaz de alcançar o fundo das questões principais que afligem o país e o povo. Mas há uma série de medidas de caráter emergencial que seu governo poderá adotar; além do que, ele reúne condições necessárias para derrotar o candidato do regime e implantar um governo de transição democrática e convocar a Assembleia Nacional Constituinte, ponto vital para a completa democratização do país".

ENTUSIASMO EM ALAGOAS

A passagem de João Amazonas por Maceió foi assunto de destaque na imprensa alagoana durante quase uma semana. Já ao desembarcar no Aeroporto dos Palmares, em companhia do deputado estadual Eduardo Bonfim (PMDB), Amazonas foi recebido com entusiasmo por uma caravana de mais de 100 pessoas, portando faixas e cartazes, e cumprimentado pelos vereadores Edberto Ticianeli e Jarede Viana e pelo deputado Ronaldo Lessa, todos do PMDB. Na Assembleia Legislativa, o dirigente comunista foi recebido por membros da bancada do PMDB, inclusive o Líder Francisco Melo, deputados Moacir Andrade, Israel Pereira e Clato Falcão. Ali, o ex-deputado constituinte concedeu concorrida entrevista coletiva. No dia 5, pela manhã, participou por quase 10 minutos de um dos pro-



O encontro com Severino, veterano comunista de 82 anos.

gramas de entrevistas de maior audiência da televisão alagoana. A noite, o auditório da Reitoria da Universidade Federal já lotara muito antes do horário marcado para a conferência. Quando Amazonas chegou, acompanhado pelo representante em Alagoas da Comissão pela Legalidade do PC do Brasil, Enio Lins, a plenária o aplaudiu de pé.

Interrompido várias vezes por aplausos, Amazonas fez uma longa exposição sobre o crescimento da luta do povo contra a ditadura militar, chegando à jornada pelas diretas-já e, como prolongamento desta luta, à candidatura das oposições e à construção da Aliança Democrática. "Ninguém pode ser expectador passivo, pretensamente neutro nesta luta. É preciso que cada um vá às ruas; pois, se o regime não impediu de colocar nosso voto na boca da urna, nós podemos gritar nosso voto nas praças, em grandes manifestações. O povo está fazendo uma eleição não-secreta, mas limpa, a seu modo. E não precisa da licença de ninguém".

O LUGAR DO POVO

No dia 8, Amazonas esteve em Recife, onde falou para uma plateia de mais de 500 pessoas no auditório do DCE da Universidade Federal. No plenário, um grande número de sindicalistas, dirigentes de entidades populares — entre eles, Euclides Nascimento e Antônio Marques, da direção da Fetape, que fizeram questão de cumprimentar o palerista. Na mesa, entre outros, o líder do PMDB na Assembleia, deputado Sérgio Guerra, deputados Luciano Siqueira e Arthur Lima Cavalcanti, do PMDB, dirigentes sindicais e de várias entidades. Uma numerosa caravana de operários, vinda do distrito industrial do Cabo, foi recebida com aplausos.

Amazonas afirmou que será necessária a mobilização popular, "agora, para avançar a candidatura Tancredo Neves; depois do dia 15 de janeiro, quando a Aliança Democrática vencer no Colégio Eleitoral; e depois de 15 de março, quando Tancredo tomará posse". Explicou que "o povo quer ocupar o lugar que lhe cabe, exercendo sua pressão legítima para que, hoje, o candidato se comprometa a atender às vantagens fundamentais da nação, às suas bandeiras políticas, econômicas e sociais; e amanhã, para que esses compromissos sejam cumpridos".

HOMENAGENS NA PARAÍBA

Em João Pessoa, no dia 7, Amazonas foi ao auditório do PMDB para falar a cerca de 400 pessoas que o lotavam. Lá estavam personalidades como o ex-governador Pedro Gondim, o representante da Intersindical da Paraíba, Simão de Almeida, os vereadores Antônio Arroxelas (João Pessoa) e João Dantas (Campina Grande), ambos do PMDB, o vice-presidente regional da UNE, Vitor Palmeira, além de sindicalistas, representantes de bairros e de outros setores.

Amazonas foi alvo de várias homenagens. A juventude paraibana o presenteou com um buquê de rosas vermelhas, entregue pela menina Janailina. Foi lida uma nota de saudação do Conselho de Entidades de Base da Universidade Federal do Estado, pelo representante da UNE. E, num momento de grande emoção, foi convidado para a mesa o velho comunista paraibano de 82 anos, Severino Ribeiro, considerado um símbolo de resistência do povo no Estado, que ingressou no PC do Brasil quando de sua fundação, em 1922, foi combatente em 1935 e posteriormente preso político.

(Plínio Lins, de Alagoas)

Negócio sujo do Brasil com a Arábia

Sob a propaganda de "grande negócio" e "abertura de novas chances para o desenvolvimento industrial", o Brasil acaba de acertar um fabuloso negócio com a Arábia Saudita. Vai montar uma fábrica de armamentos em Riad, e vender lançadores de foguetes, tanques, blindados, aviões, mísseis, fragatas, armas leves e munições. A transação visa atender à pro-

cura de armas em todo o Oriente Médio.

Do ponto de vista econômico, é evidente que o interesse dos trabalhadores não é o desenvolvimento da indústria bélica. Mas o fato tem outras implicações gravíssimas. É mais uma demonstração do caráter "complementar" que a cada dia assume a economia e a política brasileira, sob o tutela-

dos gerais, em relação ao capital imperialista.

Enquanto os EUA fomentam os conflitos na região, como por exemplo a guerra Irã-Iraque, para dividir e consequentemente dominar os povos árabes, o Brasil cumpre o papel de fornecer as armas. Não é por acaso que o ministro da Defesa saudita falou que o acordo permitirá obter "condições de segurança internacional".

Governadores jantam e deixam Figueiredo com indigestão

Já na sexta-feira, 5 de outubro, percebia-se durante uma audiência com parlamentares da oposição e professores que o governador de Alagoas, Divaldo Surruagy, iria participar de uma reunião excepcionalmente importante. Por duas vezes, durante a audiência, o governador interromperia as discussões sobre questões salariais de mais 20 mil professores para falar pelo telefone com os governadores do Rio Grande do Norte e Piauí. Com ambos o assunto foi o mesmo: a reunião-jantar de oito governadores do PDS, na segunda-feira seguinte, no Rio de Janeiro.

Há muito tempo um jantar não adquiria tamanha importância política. Depois da sobremesa, o que sobrou foi um regime militar profundo e irreversivelmente derrotado. Com exceção do Mato Grosso, todos os demais governadores pedessistas indicaram claramente que apoiariam o candidato da Aliança Democrática, Tancredo Neves.

O resultado desse encontro ainda levará a desdobramentos altamente favoráveis à candidatura Tancredo e à luta decisiva pelo fim do regime. Em Alagoas, com a posição de Surruagy, pedaços do PDS voaram para todos os lados. Na Assembleia Legislativa, deputados do partido do governo passavam perplexos pelos corredores.

Em Brasília, o general Figueiredo cancelava a audiência que teria com o governador do Rio Grande do Norte, um dos comensais do jantar que acabou dando indigestão no Planalto. Isso pode provocar o cancelamento de outras audiências com governadores pedessistas que tinham o compromisso de, antes de anunciarem de público suas opções, irem ao Planalto para comunicá-las primeiro ao general-presidente. Agora, desmascara-se outra face da "democracia" que Figueiredo quer: ele só recebe aqueles que se dispõem a beijar a mão corrupta e fascista de Maluf.

Mas, depois de toda a jornada nacional de milhões nas ruas pelas diretas-já, continuada com a candidatura única das oposições e consolidada com a construção da Aliança Democrática, enfim, diante de todas as evidências que apontam os rumos do quadro político, os governadores pedessistas perceberam a tempo que é perigoso e pode ser fatal para sua própria sobrevivência política embarcarem na canoa furada do apoio a um candidato que é a imagem e semelhança do regime, repudiado pela maioria, completamente isolado e desmoralizado.

Assim, o regime militar encontra-se diante de uma nova realidade. Tem o escasso apoio declarado de apenas um governador, o do Mato Grosso. Uniu contra si os sentimentos de mais de 120 milhões de brasileiros. Seu partido está falido e seu candidato, Maluf, é "ovocionado" pelo povo em toda sua trajetória para aliciar votos pelo Nordeste. As manifestações de mulheres em Maceió, os protestos populares em Fortaleza, Aracaju e São Luis, identificaram Maluf, de uma vez por todas, como um dos homens mais odiados e execrados pela nação em nossa história. O regime depara-se com a inusitada realidade de ver-se derrotado três meses antes da eleição, e em seu próprio território, o Colégio Eleitoral.

A derrota antecipada do regime no Colégio demonstra que a nação soube conduzir com sabedoria a resistência ao arbítrio, à corrupção, à fome e ao entreguismo, até ter condições de preparar a derradeira vitória sobre seus opressores para conquistar a liberdade. A ditadura, insepulta, começa a feder. O próximo embaixador para as forças populares, setores democráticos e todos os que romperam com o arbítrio, é a batalha pelo enterro definitivo do regime. (deputado Eduardo Bonfim, PMDB, Alagoas)

Líder do PT diz por que defende ida ao Colégio

Depois de implodir o PDS, a questão sucessória provoca acirrada luta interna no PT, entre partidários e adversários do apoio à candidatura Tancredo. Na semana passada, enquanto o vice-presidente petista Olivio Dutra propunha uma Convenção Nacional para examinar o assunto, o deputado Sérgio Santos era afastado da bancada estadual do partido em São Paulo, por defender o voto em Tancredo. E o líder do PT na Câmara Federal, Ayrton Soares, colocava seu cargo à disposição por discordar da posição majoritária na Executiva. Quarta-feira, no entanto, a bancada federal do PT optava por certo recuo na hostilização ao setor pró-Tancredo, ao decidir por maioria manter Ayrton Soares na liderança. Votaram pela permanência de Ayrton os deputados José Eudes, Eduardo Suplicy, Luis Dulci e Irma Passoni. Djalma Bom e José Genoino votaram contra. E a deputada Bete Mendes absteve-se. Após a reunião da bancada, o deputado Ayrton Soares falou à Tribuna Operária sobre seu posicionamento:

P — Qual a posição diante da sucessão presidencial?

R — Acredito que temos de agrupar as forças progressistas num movimento político que possa fazer com que elas ocupem espaços no processo de transição do futuro governo de Tancredo Neves. Admito que haverá transição. O simples fato de sair um general e entrar um democrata já é uma grande coisa. No entanto, não podemos deixar que esta seja uma transição de centro-direita, que seria confundida com a continuidade do regime. Só a aliança de todos os setores progressistas fará com que tenhamos voz e vez na sucessão, reivindicando espaço para os setores populares e lutando para que possamos chegar à Assembleia Nacional Constituinte e, em função das novas condições, elegermos uma maioria comprometida com as mudanças básicas que a sociedade exige.

P — O senhor defende a ida ao Colégio Eleitoral?

R — A ida ao Colégio é uma necessidade não só para derrotar Maluf e o regime mas também para fortalecer as posições mais avançadas dentro da Aliança Democrática. Indo ao Colégio nós não seremos considerados uma força à margem do processo institucional e isto aumenta a nosso poder de influência junto ao futuro governo. Isto fará com que Tancre-



Ayrton: mantido por quatro votos a dois

do Neves tenha freio para entrar as forças e ambições de centro-direita e fortalecer as posições progressistas da Aliança Democrática.

P — O que as bases do PT acham dessa sua posição?

R — Tenho dados de uma pesquisa do Instituto Gallup que mostram que 65% dos que votaram no PT defendem a ida ao Colégio Eleitoral para impedir a vitória do Maluf. Outro dia, o Lula fez uma pesquisa na porta de uma fábrica e perguntou a 14 operários o que eles achavam disto tudo. Todos disseram que votariam no Tancredo contra Maluf. Esses dados demonstram que minha posição reflete o sentimento de expositiva parcela das bases do partido. Além disto, lideranças importantes como os deputados estaduais Lidice Vieira, Lúcia Arruda, João Batista Mares Guia, Sérgio dos Santos, Marco Aurélio Ribeiro, Paulo Frateschi, o deputado federal José Eudes e o ex-deputado Lisiane Maciel, o economista Chico de Oliveira e o psicanalista Hélio Peregrino, entre outros, defendem essa posição.

P — O senhor acredita que a Convenção mude a posição do PT?

R — Imagino que a evolução da conjuntura política forçará o partido a mudar de posição. A adesão dos militares mais retrógrados à candidatura Maluf, as crescentes manifestações populares de repúdio a Paulo Maluf e a polarização cada vez maior entre Tancredo Neves devem contribuir para que o PT reveja sua posição.

P — E se isto não ocorrer?

R — Ai só teri duas opções. Ou acato a posição do partido ou saio do partido.

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Política de ação de massas

Tem gente que confunde política com uma estrada bem asfaltada, limpa e reta. Quando percebe está a mais de 100 na contramão. É o caso do PT, que de uma hora para outra se vê abalado por profundas contradições, devido à pressão dos democratas honestos no seu próprio interior, que não aceitam fazer o jogo do malufismo na luta sucessória.

DIFERENÇAS IMPORTANTES
Já no começo do século Lenin condenava os esquerdistas que batiam no peito apregoando que entre os diversos políticos burgueses "não existia diferença nenhuma". O grande dirigente do proletariado mostrava que estas diferenças "não têm absolutamente importância e são insignificantes do ponto de vista do comunismo puro, isto é, abstrato, ainda incapaz de ações políticas práticas, de massas. Mas do ponto de vista dessa ação prática de massas, tais divergências têm extraordinária importância".

É bom ter presente a oposição frontal entre a classe operária e a burguesia em geral. Mas ao traçar as orientações práticas na batalha política, é tólice desconhecer os conflitos entre os diversos grupos e setores burgueses. É, mais do que isto, deixar de ver que nestas disputas a burguesia se vê obrigada a apelar para o proletariado, arrastando-o para o movimento político, fornecendo-lhe, mesmo a contragosto, condições para elevar a sua consciência política.

TÁTICA DE VANGUARDA

Na luta de classes, de nada resolve a simples repetição de princípios abstratos. O que compete a um partido de vanguarda é saber aplicar os princípios ao formular diretrizes práticas. Para isto é imprescindível encontrar quais os fatores capazes de facilitar a incorporação das grandes massas na arena política. Para isto tais "diferenças" são essenciais.

No momento em que vivemos, a imensa maioria dos brasileiros identifica o governo Figueiredo como o principal responsável pela situação caótica que o país atravessa. Derrotá-lo é o anseio geral para conquistar mudanças na orientação econômica e para obter liberdades democráticas. Por isto grandes multidões saíram às ruas nos comícios pelas direitas-já no primeiro semestre. Era o anseio de votar para tirar do Planalto os generais. Agora este mesmo objetivo encontrou como forma de realização concreta a campanha de Tancredo Neves como representante unitário das oposições. Por isto as massas voltaram às ruas.

Entre os dois candidatos à Presidência, um é o representante do continuismo repudiado pelo povo. O outro significa uma esperança de mudar. É uma divergência que assume "extraordinária importância" neste momento. Não porque Tancredo vá resolver os problemas fundamentais do país. Mas porque sua candidatura facilita a participação de amplas massas na luta sucessória, tirando proveito disso em favor da democracia, derrotando o regime militar. Logo a seguir, ao exigir do novo governo soluções de fundo, as massas tomarão consciência, pela sua própria experiência, da necessidade de avançar para uma nova fase de luta, por um novo regime, rumo ao socialismo. Taticamente esta questão separa hoje a revolução da contra-revolução.

PREFERE O MALUF

O confronto é tão evidente que os pessimistas mais empedernidos, mesmo sem querer, revelam sua posição antípoda. José Genonino, deputado do PT, confessou: "Como inimigo prefiro o Maluf". É acrescentou que não irá ao Colégio mesmo se a vitória de Tancredo depender de seu voto. Pode passar no caixa que Maluf paga bom preço por esta "valentia". (Rogério Lustosa)

DE OLHO NO LANCE

Isolado e cego

Raivoso, o presidente Figueiredo cancelou sua entrevista com o governador do Rio Grande do Norte, Agripino Maia, "Não tenho nada a tratar com ele" declarou. O motivo desta atitude intempestiva é a opção do governador potiguar pela candidatura Tancredo Neves.

O general pensa que o Brasil é um quartel e que os governadores são sargentos prontos a obedecer suas ordens e bater continência. Não suporta opiniões contrárias. E não consegue ver que presidente e governador são cargos públicos que, ao menos teoricamente, devem representar o conjunto da população e não apenas os que pertencem ao seu partido.

Quanto à atitude de bater a porta aos que decidem apoiar a saída democrática para a sucessão, é mais uma demonstração de cegueira política. É o Brasil que rompe com a ditadura. É a imensa maioria que já não suporta o reino dos generais. Abraçado com Maluf, Figueiredo encontra-se isolado e cada dia mais em condições de governar. Mas, arrogante, comporta-se como se fosse tudo ao contrário, como se fosse um grande favor receber alguém no "seu" palácio. Surdo e cego à opinião popular e democrática, não vê e não ouve as manifestações que dizem "Fora Figueiredo, Fora o Regime Militar".

A batalha pela informática



Os microcomputadores ocupam espaço cada vez maior no mercado brasileiro

Três de outubro de 1984 entrou para a História do Brasil. Numa votação emocionante, o Congresso Nacional aprovou a lei que garante a reserva de mercado para os micro e minicomputadores, e que dispõe sobre os instrumentos e recursos para o desenvolvimento nacional da informática. Essa batalha foi vencida, mas a guerra está apenas começando.

A luta pela proteção da indústria nacional de micro e minicomputadores dividiu o Brasil em dois campos. De um lado os partidos de oposição com Severo Gomes, do PMDB, José Eudes do PT, Eusebio Rocha do PDT e até setores do PDS, liderados pelo senador Chiarelli. Do outro lado os malufistas, liderados pelo Sr. Roberto Campos. De um lado a ABICOMP, APPD, SBPC, SBC e uma grande lista de associações profissionais e democráticas. Do outro lado alguns ministros e testas-de-ferro de multinacionais. Além disto, certos setores militares ligados ao assunto, que advogam uma postura de maior autonomia em relação ao capital estrangeiro, contribuiriam para a aprovação da lei.

O resultado de todo o esforço foi espelhado na votação final: 338 votos a favor e apenas 1 contra (adivinha de quem?)

O imperialismo só é contra a reserva de mercado dos outros

O cinismo das multinacionais que atacam a nossa reserva pode ser analisado através de um fato: durante a realização da NCC, uma tradicional feira norte-americana de computadores, em julho de 1983, houve uma reunião entre empresários norte-americanos. O Sr. John Inlay, responsável pela direção da feira, abriu a reunião dizendo: "Senhores, precisamos tomar atitudes no sentido de proteger o nosso mercado contra a invasão dos japoneses". São estes que atacam a nossa defesa de mercado!

A reserva é um mecanismo econômico, que através do veto das importações e dos investimentos estrangeiros em setores sensíveis, protege a soberania nacional. Desde a crise desastrosa a partir de 1970 que o mundo vem sendo infestado por medidas protecionistas das grandes potências. Estas, porém, ficam indignadas quando algum país subdesenvolvido se "atreve" em proteger sua economia.

Os norte-americanos são verdadeiros campeões do protecionismo, usam a reserva de mercado até para saloia e laranja. Calcule-se então para o setor de alta tecnologia. Um exemplo de "reserva de mercado" praticada pelos gringos está no seu combalido setor de automóveis; fixaram cotas rígidas para a penetração dos carros japoneses, fugindo dos ideais de "livre comércio" que vivem recitando para os outros.

Propor o livre comércio e investimento entre ricos e pobres é o mesmo que considerar justa uma luta entre, um gigante e um garoto desnutrido.

A informática é hoje ferramenta chave do progresso

Cada vez mais o mundo está sendo dividido pelas suas profundidades em duas áreas: uma de alta tecnologia, privilegiada dos desenvolvidos, e uma grande área de baixa tecnologia, composta por países dependentes reduzidos à subordinação tecnológica. A informática é hoje a principal ferramenta para abrir caminho em alta tecnologia, e a ciência da pesquisa, projeto, fabricação e utilização dos computadores.

Um exemplo do desequilíbrio no desenvolvimento mundial está no uso dos computadores pessoais: apenas 7% do total de unidades instaladas no mundo estão em países pobres. Os restantes 93% estão num punhado de países desenvolvidos. O Brasil tem um mercado de grande potencial, já está

Falsos argumentos dos serviços do capital estrangeiro

Um dos principais argumentos dos inimigos da reserva de mercado é o alegado atraso que ela traria ao Brasil. A lei aprovada não permite a associação com o capital estrangeiro e nem importação de máquinas, abre espaço apenas para a compra de tecnologia, sob fiscalização da Secretaria de Informática.

nas negociações com o FMI e os banqueiros internacionais, endurecimento nas regras do intercâmbio comercial etc.

Roberto Campos, escudeiro das multís, já se propõe a mover processos contra a lei, arguindo sua inconstitucionalidade. Além disso a lei tem brechas que podem facilitar a penetração do capital estrangeiro. Por exemplo, permite que sejam criados distritos de exportação, controlados por empresas estrangeiras, desde que voltados apenas para exportação.

O ponto mais fraco da campanha nacional pela reserva de mercado é que ela ainda está longe das ruas. Enquanto os jovens e trabalhadores não abraçarem essa luta, ela não terá verdadeira força. Há 31 anos atrás, também num dia 3 de outubro, foi aprovada a legislação que garantia o monopólio estatal do petróleo, fruto de uma campanha realmente popular. E hoje a informática tem alcance estratégico maior que o petróleo.

A lei inclui proteção à pesquisa e fabricação de circuitos integrados — os famosos chips — que representam a espinha dorsal dos computadores e de toda a eletrônica. São microcircuitos que abrigam numa pequena pastilha de silício dezenas e até centenas de milhares de transistores. Este é o setor básico da informática e nisso o Brasil está bem atrasado.

Nossa indústria de micros e minicomputadores pode ser considerada como "montadora". Compra os circuitos integrados dos americanos e japoneses e os monta em circuitos impressos. Os projetos ou são copiados, ou desenvolvidos a partir de microprocessadores importados (o chip principal) — com pouca margem de manobra.

Os chips vão executando um número maior de tarefas e vão ficando mais complexos. Com oito ou dez chips logo poderemos montar um potente microcomputador. Mas se não formos nós que fabricamos os chips a reserva de mercado virá uma ópera bufa.

Luta da informática é fundamental para a soberania nacional

Não é possível que um país seja independente pela metade ou que apenas um de seus setores controle o capital estrangeiro, liberando o resto da economia. A luta pela reserva de mercado na informática vai consequentemente dividindo e estimulando outros setores da economia. Recentemente o Conselho Monetário Nacional baixou medidas ditadas pelo FMI que ameaçam conquistas da indústria petroquímica. O ex-ministro Hélio Beltrão, durante realização de um congresso de Química, pediu a instauração da reserva de mercado para a petroquímica.

O medo das multinacionais é que a moda pegue e o Brasil desperte para a defesa da soberania nacional, protegendo seu mercado, sua força de trabalho e recursos naturais. Passando a controlar o capital estrangeiro em todos os setores-chaves da economia. Tratando os banqueiros e o FMI com altivez e soberania.

A informática tem imediata implicação política, envolve informações, telecomunicações, segurança, automação industrial, democracia, soberania. O quadro político natural para seu desenvolvimento tem que ser a democracia com forte participação popular. É por isso que a reserva de mercado torna-se um ponto importante no programa do candidato único das oposições. (Luiz Gonzaga)

Crescimento acelerado

Ano	Nacionais	Multinacionais	Total
70	270	900	1.170
80	450	900	1.350
81	612	1.100	1.712
82	900	1.548	2.448
83	1.548	1.800	3.348

Faturamento em bilhões de cruzeiros da indústria de informática instalada no Brasil. Dados de setembro/84. Fonte: Abicomp/SET



Depois de uma árdua discussão, o Congresso aprovou a reserva do mercado



Alcides Pae: "A proposta de Maluf para a Universidade assustou o estudentado"

Estudantes nas urnas votam em Tancredo

A menos de uma quinzena do 36.º Congresso da UNE, os universitários brasileiros intensificam o debate sobre a situação política nacional. Neste Congresso, a questão que deverá causar maior celeuma é a sucessão presidencial. A polarização será entre os que defendem a candidatura única das oposições e os que propõem o boicote ao Colégio Eleitoral.

A previsão dos estudantes sobre o tema central no Congresso da UNE tem uma razão concreta. No processo de eleição para DCs e DAs que vem ocorrendo nos dois últimos meses é a sucessão presidencial que tem causado maior polémica. "Isso não ocorre por acaso — afirma Alcides Pae, presidente da UNE. — Afinal, a própria situação da Universidade brasileira depende da sucessão presidencial. Nessas eleições normalmente têm surgido duas chapas: uma que defende o boicote ao Colégio e outra que defende a candidatura única, a democrática. E a tendência majoritária tem sido a vitória das chapas que defendem o apoio a Tancredo Neves. Tem se formado uma frente com esta proposta, liderada pela corrente Viração".

CONTRA MALUF

Os números dão razão a Alcides. No DCE da Universidade Federal de Santa Catarina, ganhou por uma margem de 200 votos a chapa que apóia a candidatura única. Na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, ocorreu o mesmo. Só que a chapa que defendia a candidatura Tancredo ganhou em 70% dos votos. Na Federal Fluminense, a diferença foi de 1.100 votos para os defensores da democracia, num total de 4.800 votantes. Na UFPA, venceu a chapa liderada por Viração. Em segundo lugar ficou uma chapa composta por anarquistas sem proposta política e em terceiro, os defensores do boicote.

Câmara controla aumento das passagens em Porto Alegre

Com a garantia da constitucionalidade da lei Werner Becker, obtida através de julgamento de mérito no Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, por 15 votos contra 8, a Câmara Municipal de Porto Alegre assegurou sua legítima aspiração de homologar as tarifas de transporte coletivo. Qualquer decreto do prefeito neste sentido, a partir da decisão do Tribunal de Justiça, tornou-se, portanto, ilegal.

Todos os cálculos de aumento da tarifa, realizados na Prefeitura, deverão ser



Javier é agora cidadão de Salvador

Volta por cima

A Câmara Municipal de Salvador, na Bahia, decidiu conceder o título de cidadão da Cidade de Salvador ao ex-presidente da UNE, Javier Ulpiano Alfaya Rodrigues (gestão de 1982), em solenidade realizada na própria Câmara, no dia 10. A resolução foi de autoria da vereadora do PMDB Lídice da Mata e Souza.

Desta forma, com o apoio dos vereadores opositores, Javier dá a volta por cima. Como se recorda, ele esteve ameaçado de expulsão do Brasil por ter nascido na Espanha, embora tenha vivido parte de sua vida na Bahia. Hoje continua contribuindo com o desenvolvimento dos jovens, sendo coordenador de Cultura da União da Juventude Socialista.

Na Federal de Pernambuco, também saiu vitoriosa a chapa defensora de Tancredo. No Ceará, embora as correntes ligadas ao PT tivessem feito uma grande coalizão, ganhou com grande margem de votos a chapa anti-Maluf. Nos Diretórios Acadêmicos, o processo tem sido o mesmo. E o debate continua aceso no movimento estudantil. Em Goiás, o Conselho de Entidades da UEE reuniu-se para debater as propostas para o 36.º Congresso da UNE. A discussão mais acalorada foi sobre o posicionamento dos estudantes acerca da sucessão presidencial. A imensa maioria dos oradores defendeu as propostas da diretoria da UEEq, que foram aprovadas por 28 das 34 entidades presentes. Também foram enumerados diversos pontos para um programa de emergência a ser executada

do pelo futuro governo, buscando soluções para os mais graves problemas vividos pelo país e pela Universidade brasileira.

Segundo Pae, o boicote ao Colégio aprovado no último Conab na Bahia não refletiu a posição do estudentado, como os fatos têm demonstrado. "Além disso — afirma ele —, ainda não haviam sido realizadas as convenções do PDS e do PMDB. Muita gente não acreditava na candidatura Maluf. E as propostas do candidato pedesta para a Universidade assustaram o estudentado. Ele defende uma Universidade elitista, menos democrática. A política e controlada por empresas, ou seja, paga. Diante disso até setores do PT apóiam a candidatura única. E ao que tudo indica essa será a proposta vencedora no 36.º Congresso da UNE". (Olivia Rangeli)

encaminhados ao Legislativo municipal. A assessoria técnica da Câmara analisará a reivindicação do executivo e a decisão final caberá aos vereadores.

Para a aprovação da lei do vereador Werner Becker (do PMDB) foi necessário lutar em diferentes níveis, combinando a mobilização popular com os processos judiciários. Quando o Legislativo aprovou a lei proposta por Becker, o prefeito de Porto Alegre, engenheiro João Dib, nomeado pelo governador, não aceitou o

atrelamento e vetou o projeto.

De novo submetida à apreciação da Câmara, a lei foi mantida e o prefeito recorreu à Justiça, obtendo, numa primeira etapa, liminar que garantia aos empregados um novo aumento. Mas, após muita mobilização popular, houve o julgamento de mérito do Tribunal de Justiça. Um dos últimos atos de mobilização popular consistiu na queima de um boneco do prefeito em praça pública. (da Su cursal)

Luta salarial dos metalúrgicos deve ir às ruas

A campanha salarial dos 330 mil metalúrgicos de São Paulo entrou na reta final e tem tudo para esquentar. Contribui neste sentido que neste ano realizamos uma luta unitária com mais 18 sindicatos e federações reunidos no Pacto da Unidade na Luta, o que dá mais força e confiança a todos os operários envolvidos. Mas há ainda debilidades na mobilização e organização dos trabalhadores que precisam ser urgentemente resolvidas.

Até o momento não realizamos nenhuma rodada de negociações com a Fiesp (órgão dos patrões) e o clima da campanha ainda é frio. A gente sente nas fábricas o grande descontentamento com o desemprego e o salário de fome — cerca de metade da categoria, recebe menos de três salários mínimos. E a categoria está unida nas reivindicações de INPC integral para todos; 20% de aumento real de salários; estabilidade no emprego; reajuste trimestral; redução da jornada de trabalho sem redução salarial; e representação sindical nas fábricas. O que falta agora é canalizar esta revolta, realizando assembleias massivas, mobilizando e organizando os companheiros no interior das empresas.

A nível de Sindicato, temos feito reuniões por fábricas e por setores. Já nesta semana sentimos um aumento da mobilização: mais de 400 operários participaram de uma reunião na Zona Sul, a maioria ativistas, que se comprometeram a dinamizar a agitação salarial: na Zona Oeste, mais de 300 companheiros realizaram uma assembleia e depois saíram em passeata pelas vitórias centrais da Lapa. Nestas reuniões temos falado que a diretoria tem o dever de mobilizar a categoria, mas que cabe a cada operário um papel fundamental, que ele não pode ficar passivo, esperando as conquistas cairam do céu.

Unidade de vários Sindicatos dá força à campanha

A categoria também tem visto com bons olhos a formação do Pacto de Unidade na Luta. O fato de vários sindicatos estarem unidos na campanha salarial dá mais força, incentiva a mobilização. A classe operária preza muito a unidade, sabe que sua força reside na união. Infelizmente a proposta do Pacto ainda não chegou ao grosso dos trabalhadores. É urgente colocar esta ideia nas ruas, realizarmos uma grande agitação, com pichação, cartazes, boletins unitários. Temos que criar um cli-

Direção sindical encabeça luta dos químicos de Suzano

A nova diretoria do Sindicato dos Químicos de Suzano, em São Paulo, tem correspondido inteiramente aos interesses da categoria que a elegeram em meados deste ano. Antes mesmo de tomar posse, no dia 5 de setembro, a direção sindical encabeçou lutas em várias fábricas, conquistando antecipações salariais que variam de 25% a 12% em 10 empresas, beneficiando cerca de 3.250 operários do setor.

Após a posse, a diretoria se jogou nas lutas da categoria, alcançando importantes vitórias: na Produquímica, com 300 trabalhadores, conseguiu condução gratuita e o pagamento do adicional de insalubridade; na Indústria Cubatão arrancou dos patrões o adicional de insalubridade de 20%; e na empresa Nalco, foi arreba-



Ponto de Vista Sindical
Nelso Alves
Diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo

ma parecido com o da campanha das diretas-já.

A cada campanha salarial sentimos que a principal debilidade é a falta de organização no interior das fábricas. A tarefa de mobilizar as milhares de empresas da capital fica a cargo dos diretores e de alguns ativistas, o que a torna muito difícil. Neste sentido é fundamental que em cada luta, e principalmente na luta salarial, coloque-se como principal tarefa o aumento da organização nas fábricas.

Por outro lado, sentimos ainda a falta de confiança da categoria na luta e no Sindicato. Passamos 20 anos de ditadura militar, sem grandes vitórias econômicas, e com a entidade sindical fechada, com diretoria acomodada. Agora temos que criar um clima de luta e de confiança na vitória. Isto só se consegue jogando a campanha para a rua, com grandes agitações, comícios e assembleias.

Ligar a batalha salarial à luta sucessória

Os sindicatos envolvidos nesta campanha salarial têm um outro grande trunfo: a sucessão presidencial e a possibilidade concreta no fim do regime militar. Este fato anima os operários, dá mais esperanças nas lutas, cria mais coragem para os combates. Mas infelizmente o movimento sindical ainda não faz a ligação da luta econômica com a política. Se unirmos as duas batalhas, contribuiremos no processo de democratização do país e daremos maior impulso à campanha salarial.

Nas fábricas é grande o interesse dos operários pela sucessão. Todos torcem pela derrota do Figueiredo e do Maluf. Todos depositam confiança no candidato da oposição. Para os trabalhadores, que sentiram a violência do governo dificultando suas lutas econômicas, suas greves, é de fundamental importância mudar este governo. A classe operária sabe que é preciso haver mudanças no poder para que haja mudanças mais efetivas no salário, no desemprego, nos sindicatos. Neste momento, ligando a luta política, poderemos aumentar a mobilização da categoria.

Latifúndio mata dirigente sindical no norte de Goiás

Foi realizada no último dia 7, na cidade de Uruaçu, no médio-norte goiano, uma manifestação de solidariedade e de protesto pelo assassinato do presidente do Sindicato dos Trabalhadores rurais (STR) do município, Sebastião Rosa da Paz. Participaram do ato cerca de mil trabalhadores e várias entidades sindicais, populares e democráticas, como a Fetaeg (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado), Comissão Pastoral da Terra, Conclat, CUT, Sindicato dos Jornalistas e 34 STRs de todo o Estado de Goiás.

O presidente da Fetaeg, Amparo Sesil do Carmo, foi um dos oradores mais aplaudidos, quando afirmou aos manifestantes que "estamos hoje aqui para exigir o esclarecimento de mais esse crime. Estamos aqui fortalecendo a nossa união para fazer cumprir os nossos direitos. Hoje temos que condenar não só os executores e os mandantes do crime que vitimou o Sebastião da Paz, mas as autoridades governamentais que nada fazem para punilos". Eliezer Alves Bento, diretor da Fetaeg, falou em nome da Conclat: "Essa articulação sindical que representa mais de 3 mil sindicatos de todo o Brasil está aqui representada para reafirmar a sua posição aprovada em seu último Congresso, que é a de colocar fim ao latifúndio e conquistar a Reforma Agrária Radical". (da sucursal)

Trabalhadores há nove meses sem receber em Natal

Depois que permaneceram mais de 15 dias concentrados em frente ao Ducal Palace Hotel, no centro de Natal (RN), os trabalhadores da Indústria Reunidas S/A — IRSA (conhecida por Seridó) — obtiveram uma vitória: a empresa, que mantém os salários de seus empregados atrasados há 9 meses, passará a ser controlada pela Coteminas, que prometeu pagar os trabalhadores "imediatamente".

Até a decisão da Coteminas, a Seridó era propriedade do mesmo empresário que controla o Ducal Palace Hotel. Os 1.100 trabalhadores da indústria se revezaram no acampamento instalado diante do hotel, obstruindo completamente a praça Kennedy enquanto durou a manifestação. Quando Paulo Maluf passou por Natal, pretendia ficar no Ducal, mas mudou de ideia ao ver a multidão concentrada na praça. Os operários estão passando fome, mesmo com grande solidiedade do povo. E, apesar da vitória, eles vivem agora sob ameaça de desemprego, já que a Coteminas ainda não se comprometeu com a readmissão de todos na fábrica. (Walter Medeiros, de Natal).



Nilton, novo presidente dos Têxteis

Têxteis paulistas têm nova diretoria no seu Sindicato

Tomou posse, no último dia 6, a nova diretoria do Sindicato dos Têxteis de São Paulo, encabeçada por Nilton Octaviano dos Santos. A solenidade contou com mais de 2 mil operários, num início de gestão com representatividade e combatividade. Entrevistado pela Tribuna Operária, Nilton falou da primeira tarefa da diretoria: "Estamos jogando todas as nossas forças na campanha salarial, com data-base em 26 de novembro. Nossa preocupação central é preparar a categoria, com cerca de 60 mil têxteis, para responder à intransigência patronal, inclusive com greve. E temos sentido boa receptividade nas fábricas. Recentemente tivemos uma greve na Vicunha, com mais de 3 mil operários parados. Nem mesmo o policiamento ostensivo amedrontou os grevistas, o que mostra a disposição dos companheiros. Também tivemos paralisações em outras firmas, como na Calfat e na Malharia Santa Isabel. Nossa tarefa principal será aproveitar esta revolta para organizar uma poderosa campanha salarial."



O vereador Euler Ivo presta homenagem aos mortos pelo latifúndio

Ato em repúdio à violência no campo

Numa sessão especial na Câmara Municipal de Goiânia, por iniciativa do vereador Euler Ivo, foi discutida, dia 8, a violência no campo em Goiás. Participaram do ato o deputado federal Aldo Arantes, o bispo d. Tomás Balduino, os deputados estaduais Ivan Ornelas e Manoel Bota, o presidente do Idago, Aldo Azevedo, a Fetaeg, CPT, CUT, Conclat, o representante do procurador-geral do Estado, Job Gonçalves, 35 Sindicatos de Trabalhadores Rurais e mais uma dezena de entidades urbanas. Todos os pronunciamentos foram de condenação à violência contra os trabalhadores rurais e exigiram medidas energéticas do governo estadual para coibi-las.

A violência em Goiás vem aumentando a cada ano. Segundo dados da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás (Fetaeg), já foram mortos mais de 20 lavradores nos conflitos no campo desde 1982. Somente neste ano foram assassinados 11. Isso, sem contar as centenas de prisões arbitrárias, de espancamentos, de seqüestros, ameaças e perseguições, com famílias expulsas da terra, queima de casas e destruição de roças.

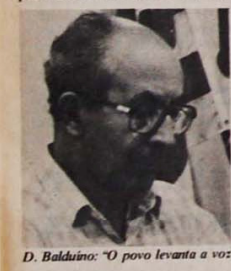
O vereador Euler Ivo, que pronunciou o discurso de abertura, dedicou a sessão especial da Câmara a Nonatinho — líder camponês maranhense assassinado pelas costas —, aos dirigentes sindicais goianos Hugo Ferreira de Arapoema e Sebastião da Paz, de Uruaçu, também assassinados. Em seguida foi pedido um minuto de silêncio em respeito às vítimas do latifúndio assassino.

O presidente da Fetaeg, Amparo Sessil do Carmo, denunciou a violência que tem se abatido sobre os trabalhadores do campo e disse que as autoridades e a justiça de um modo geral estão a serviço dos poderosos e dos grileiros. "Não podemos aceitar isso — afirmou Amparo —, é necessário que o governo mude sua política com relação aos trabalhadores rurais."

Foram denunciadas as violências praticadas pela polícia e pelos pistoleiros. Antônio Fidélio, presidente do STR de Arapoema, contou como foi agredido a coronhas pela PM no dia 13 de setembro: "Eu fui puxado para fora de minha casa e depois fui amarrado e julgado". Uraña Fernandes de Souza, posseira, também de Arapoema, relatou a morte de seu marido e de seu sobrinho por pistoleiros a mando de grileiros. E emocionada indagou: "O que vai acontecer comigo? Tenho quatro filhos menores para criar. Meu marido quando morreu não deixou nada, porque o homem do campo quando morre leva a sua riqueza, que é o seu trabalho".

ORGANIZAÇÃO POPULAR
Representando a Comissão Pastoral da Terra (CPT), o bispo de Goiânia, d. Tomás Balduino, afirmou que aquele era um acontecimento único, porque durante toda a sua vida nunca tinha visto uma Câmara dar tanto espaço para os trabalhadores rurais. Em entrevista à Tribuna Operária ele atribuiu o aumento da violência no campo ao fato de que "a sociedade elitista está encontrando pela frente a organização popular. O povo está levantando a sua voz, está sendo coerente e isso constitui uma verdadeira ameaça para a elite que está no poder desde a colônia".

O deputado Aldo Arantes afirmou na Câmara que "quando se fala de violência contra os camponeses, fala-se em defesa da propriedade, ali está a pedra de toque". E acrescentou que "o que está por trás da violência é a determinação dos latifundiários e grileiros de manter o monopólio da terra. Mas, também, o reverso da medalha é a disposição do povo pobre, através de sua luta e não através de favores, de conquistar a verdadeira reforma agrária neste país". (da sucursal)



D. Balduino: "O povo levanta a voz"

Canaveiros da Paraíba preparados para a greve

Os 150 mil canaveiros da Paraíba vão deflagrar greve geral nesta segunda se os usineiros não atenderem suas reivindicações. Eles exigem piso salarial de Cr\$ 190.024,00, carteira assinada para todos os trabalhadores, transporte seguro, sítio para plantar, 13º salário, férias e pagamento na doença, entre outras coisas.

No domingo, dia 6, os canaveiros realizaram assembleias em 34 municípios, nas quais aprovaram a pauta de reivindicações, com 42 itens, e decretaram estado de greve. A disposição para a luta é grande: nos municípios de Alagoa Grande, Guarabira, Mari, Sapé e Esperança — que concentram mais de 40 mil trabalhadores rurais do setor —, apenas 77 posicionaram-se contra a paralisação durante as assembleias.

O presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura, Alvaro Diniz, denunciou a intransigência dos usineiros e disse que é quase impossível "não sair a greve este ano. Os usineiros não querem respeitar os direitos que os trabalhadores

tem; desejam manter os canaveiros num regime de escravidão. É contra essas atitudes que nós vamos parar até que nossas reivindicações sejam atendidas", disse.

Em vários municípios do Estado, homens, mulheres e até crianças recebem, pelo trabalho nos canaviais, salários vergonhosos, que às vezes não chegam a Cr\$ 60 mil por mês. A exploração é mais acaninhada nas grandes usinas. Em geral, quando adoecem, além de não receber o salário, o canaveiro ainda é demitido. Nem as ferramentas usadas durante o trabalho são compradas pelos patrões.

Uma demonstração do grau de violência reinante contra os trabalhadores, filhos de donos dos engenhos Janipapo e Buraco D'Água, em Alagoa Grande, impediram, com armas nas mãos, que membros do Sindicato entrassem nas duas propriedades a fim de convocar os trabalhadores para a assembleia. Por outro lado, o apoio do povo aos canaveiros é total.

(da Sucursal).

Paralisação nos laranjais contra o calote patronal

Os apanhadores de laranja do município paulista de Bebedouro voltaram novamente à greve, a partir do dia 2 de outubro, exigindo aumento salarial. Os patrões, que estão obtendo lucros fabulosos com a alta internacional dos preços da laranja, só aceitaram discutir a pauta das reivindicações depois que as piquetes paralisaram toda a produção de sucos e o trabalho nos laranjais.

A principal reivindicação dos colhedores de laranja é o aumento do preço da caixa de laranja colhida para Cr\$ 450,00, mais Cr\$ 163 referentes ao descanso semanal remunerado, 13º salário e indenização. No caso dos pomares de pouca produção, estes preços teriam um acréscimo de 10%. Os patrões, indignados com esta paralisação, afirmavam que não negociariam, pois na greve de maio os salários foram reajustados.

O advogado Aparecido de Souza Dias, da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo (Featag), explica o motivo do movimento: "Em maio foi prometido um pagamento por caixa que daria uma remuneração de Cr\$ 210,00, mas a classe patronal acabou acrescentando uma série de descontos, o que representou um ganho líquido de apenas Cr\$ 168,00. Os trabalhadores querem participar dos lucros advindos com a alta da laranja no mercado internacional. Em maio o preço da caixa de laranja estava estimado em Cr\$ 3 mil. Hoje vale mais de Cr\$ 16 mil".

SUCESO DOS PIQUETES
Aproveitando-se da experiência adquirida na greve passada e na grande procura internacional pelos cítricos, os apanhadores de laranja da Flórida seguinte passaram a ser feitos piquetes para bloquear a



Os apanhadores de laranja de Bebedouro paralisaram seu trabalho para fazer cumprir seus direitos salariais

de outubro. O movimento foi encabeçado inicialmente por líderes rurais que se destacaram durante a greve de maio e depois contou com a adesão do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bebedouro. No dia 3, foi formada uma Comissão para dirigir a greve, composta pelo Sindicato e mais 20 trabalhadores, posteriormente este número ampliou-se para 30.

Inicialmente os apanhadores de laranja se resignaram a ficar em casa, mas os patrões se mantiveram intransigentes, dizendo que só aceitariam negociar depois da volta ao trabalho. Na assembleia do dia 7 foi dado um avanço na luta. Cerca de 800 assalariados rurais reunidos no campo de esportes da Feira Cítrica e Industrial de Bebedouro aprovaram com grande vibração o prosseguimento da greve, e ficou acertado que a partir do dia seguinte passariam a ser feitos piquetes para bloquear a

saida dos caminhões para as indústrias de suco e dos que transportam apanhadores de laranja.

Esta medida fez com que a totalidade dos 12 mil apanhadores de laranja do município aderissem à greve, e que esta se estendesse a cidades vizinhas, como Terra Roxa e Monte Alto. A Associação Brasileira das Indústrias de Sucos (Abrasucos), que congrega as empresas do ramo, exigiu que as forças policiais reprimissem os piquetes. Mas, diante do ambiente explosivo e temendo uma repetição da revolta de Guariba, o secretário do Trabalho agiu no sentido de se evitar repressão e serviu de mediador entre as duas partes.

"A LUTA É DE TODOS"
Com as geadas de dezembro do ano passado na Flórida (EUA), os preços das laranjas dispararam, fazendo a fortuna de muitos produtores. Em setembro último houve uma no-

va alta ao se constatar a presença da doença "cancro cítrico" nos laranjais norte-americanos.

Se a situação está boa para os produtores, o mesmo não se pode dizer para os trabalhadores da laranja. Em maio só conseguiram aumento nos salários fazendo greve e agora lutam com o mesmo objetivo. Uma mulher da Comissão afirmou à Tribuna Operária: "A luta é de todos e vamos continuar de cabeça erguida. Trabalho na roça para defender o pão-de-cada-dia. Abaixo de Cr\$ 450 a caixa não trabalharemos. Temos que dar o pão para nós filhos".

A Fetaesp, o Sindicato dos Metalúrgicos de Ribeirão Preto, o PMDB de Bebedouro, o deputado Valdir Trigo e a Pastoral da Terra prestaram importante apoio na luta dos trabalhadores da laranja. (Antônio Almeida Soares — Ton —, enviado especial)

Protesto dos mutilados do sisal na Bahia

Deputado defende trabalhadores

Um dia antes da manifestação dos mutilados em Conceição do Coité, o deputado federal Haroldo Lima (PMDB-BA) fez um discurso na Câmara dos Deputados denunciando a absurda situação dos trabalhadores do sisal. Na ocasião, ele também anunciou seu projeto de lei, que amplia o valor da aposentadoria por invalidez e o equivalente a um salário-mínimo. Ele ressaltou que "este é um outro absurdo da nossa legislação. Conceder a aposentadoria na base de 50% não garante a sobrevivência de ninguém". Saudando, com entusiasmo, a luta dos mutilados, Haroldo Lima disse ter certeza "que não tardará muito o dia em que todas essas anomalias da exploração de classe irão para os porões da história". (da sucursal)

Cerca de 700 trabalhadores rurais, entre eles 300 mutilados sem dedos, mãos e braços, tomaram as ruas de Conceição do Coité (cidade baiana a 210 quilômetros de Salvador), no último dia 5, para exigir a mudança imediata da legislação previdenciária de forma a possibilitar a aposentadoria por invalidez a todos os camponeses mutilados na lavoura sisaleira.

A manifestação, promovida pelo FETAG-BA e por Sindicatos de Trabalhadores Rurais de 13 municípios do Estado, foi mais um importante passo na mobilização dos mutilados para conquistar o direito que lhes é negado pela absurda lei previdenciária, que só autoriza a aposentadoria quando o trabalhador fica com as duas mãos ou braços inutilizados. No dia 17 de agosto, na mesma cidade, foi realizado um ato semelhante.

Com as mãos e os braços (decepcionados) levantados, os trabalhadores se dirigiram ao Clube Castro Alves, onde realizaram uma reunião com a presença do superintendente regional do INAMPES, Antônio Martineli Braga, além de deputados estaduais e federal, prefeitos, vereadores, presidentes de sindicatos rurais da

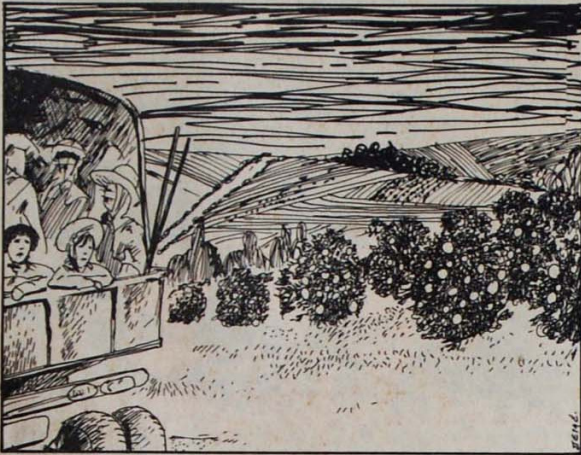
região e representante da FETAG. Eles vieram dos municípios de Monte Santo, Euclydes da Cunha, Mairi, Jacobina, Terronhas, Serrolândia, Reri-nha, Valente, Santa Luz, Riacho do Jacuipe, Iruiba, Qui-jiniquê, Ichu, Jaquarari, Campo Formoso, Várzea do Poço, Feira de Santana, Aracá e Queimados. Na passeata em Conceição do Coité, protestaram contra o INAMPES e o Ministério do Trabalho.

Durante a reunião, até o superintendente do INAMPES mudou sua opinião anterior ao declarar que a lei deve ser mudada. O secretário-geral da FETAG, Aloisio Carneiro, disse que, em 30 municípios da Bahia, "existem mil mutilados e apenas uma minoria está aposentada, recebendo a vergonhosa quantia de Cr\$ 47 mil". O vereador Ari Cordeiro foi muito aplaudido ao declarar que "a lei previdenciária não fala e não sente o drama dos mutilados", enquanto o deputado estadual Luiz Nova (PMDB) acusou o governo e o INAMPES de irresponsabilidade e conclamou os trabalhadores a realizarem uma pressão ainda maior para conquistar seus direitos.



Os trabalhadores mutilados nas viscoleiras exigem a aposentadoria, hoje negado pelo Governo

Garota conta por que participa da greve



Tenho 13 anos, sou uma jovem que há mais de um ano pega o caminho na madrugada para apanhar laranja. Tem dias que saio às 5 horas da madrugada com meu irmão de 14, para ajudar no sustento da casa.

Para a gente trabalhar é preciso comprar a escada e a sacola. Na safra passada a escada custava Cr\$ 9 mil e num ano já passou para Cr\$ 20 mil, que é descontado no nosso pagamento. Já viu, né? Compramos nosso meio de trabalhar...

Estou firme na greve com meus companheiros apanhadores de laranja de Bebedouro. E vim na reunião dos bóias-frias com meu irmão para, com nossa luta, melhorar nossa greve e com ela conquistar melhor situação de vida para o trabalhador. (apanhadora de laranja em Bebedouro, São Paulo)

O campo ocupou com destaque a página do Fala o Povo. Uma bóia-fria de 13 anos que trabalha na cata de laranja em Bebedouro, São Paulo, conta por que participa da greve em curso na região: quer melhores salários e condições de vida.
D o Espírito Santo tribuneiros destacam a vida de um líder rural, conhecido como Seu Rosa, que completou 72 anos no dia 2 de outubro e muitos anos de luta em defesa dos lavradores.
E em Minas um sindicalista denuncia o desmatamento realizado pelos fazendeiros. Três retratos diferentes da rea-



lidade dura e sofrida dos camponeses do Brasil que despertam para a luta. (Olivia Rangel)

Tecelões do Cabo precisam se unir

O imobilismo do Sindicato dos Têxteis em Pernambuco leva os operários do cotonifício José Rufino em Pirapama, no Cabo, a uma situação de miséria e desespero. Desde que a empresa entrou em concordata há 2 anos os operários não recebem salário-família; e os que ganhavam acima do mínimo foram coagidos a continuar trabalhando com um corte de 20% em seus salários. Os patrões alegam falta de condições. Era pagar ou largar: 20% de achatamento ou rua.

A diretoria do Sindicato nada fez diante desta situação e nem sequer procura os trabalhadores para ver se acha uma saída contra a exploração na fábrica.

Os patrões ainda exploram os menores, que trabalham em turno de 8 horas dando o maior duro na limpeza da fábrica para ganhar a bagatela de meio salário-mínimo. É a ganância pelo capital que leva os patrões a forçar alguns operários a trabalhar 12 horas por dia durante os sete dias da semana sem receber hora extra.

Ai é que se coloca o imobilismo do Sindicato da categoria como responsável por esta situação, onde a lei é a fome. O Ministério do Trabalho nem se fala, não quer saber se o operário vai ganhar dá ou não para o

café da manhã. Os patrões alegam crise e se apóiam no desemprego que assola o país para reprimir e coagir os operários.

A sucursal da TO em Cabo manteve contato com operários e operárias do cotonifício e pôde constatar a realidade da exploração a que são submetidos. Os tecelões trabalham por produção, mas é esquisito, porque aumenta a produção mas o dinheiro não. É sempre Cr\$ 25 a 26 mil por semana. Os operários de serviço mais duro, como os que pegam peso ou tombam fardos ou caixas pesadas só ganham Cr\$ 21 mil por semana.

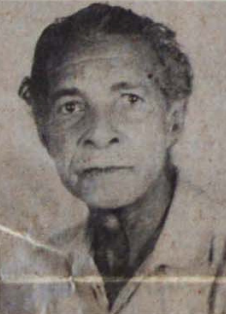
Os patrões se apóiam neste famigerado regime de opressão e arrocho salarial implantado por esses generais desalmados. E alegam crise, crise esta que não foram os operários que provocaram!

Na tinturaria, 8 operárias fazem o serviço de 16, são obrigadas a tinturar 30 mil metros de tecido por semana se quiserem garantir seu míngua-dor salário. Com tamanha produção e rotatividade de mão-de-obra os patrões ainda dizem que não podem pagar os salários-família.

Os tecelões precisam se unir e se organizar, exigir de seu Sindicato uma posição em relação a tudo isso. (G.S. e W., ativistas sindicais — Cabo, Pernambuco)

"Seu Rosa" completa 72 anos de vida e de luta no campo

No dia 2 de outubro completou mais um ano de vida e de luta em defesa dos reais interesses da classe trabalhadora o nosso valoroso e combativo companheiro Francisco Maximiliano da Silva, o "Chico Rosa", homem íntegro e honrado desta região, que se dispôs, com muita garra e dedicação a enfrentar as causas mais simples do nosso campesinato, em especial do Cotaxé e Limão, nos idos de 60.



"Seu Rosa", como é conhecido pelos nossos camponeses, nasceu em 2 de outubro de 1912 em Conselheiro Pena, Minas Gerais, tendo chegado a esta região por volta dos anos 50, com mulher e filhos à procura de terras férteis às margens do São Mateus, na época desbravadas por trabalhadores de diversas regiões do país.

mais rápido possível de tal área, senão colocaria a polícia para despejá-los.

Entretanto seu Rosa não se intimidou e retrucou que só sairia da terra depois que fosse indenizado pelas plantações e beneficiárias que havia feito na posse. Vendo que o grileiro cumpriria sua ameaça, seu Rosa resolveu ir até Vitória em busca de seus direitos e de orientação das autoridades para sua luta e a de centena de camponeses pela posse da terra. No Palácio Anchieta recebeu a explicação de que por ser zona contestada e de áreas devolutas o documento de Francisco não tinha valor legal.

Depois da entrevista com o governador Francisco Lacerda, seu Rosa voltou para a região e continuou com as labutas de homem do campo. A partir daí começou a gozar de grande prestígio junto aos camponeses, tornando-se, juntamente com Genuíno Gama, José das Virgens, Cleuzinete Tristão, Chico Gato, Ze Genuíno,

Benício Jacinto, Jurandir Pereira, Sebastião Bahia e outros, defensor das massas camponesas na luta contra a opressão e a miséria impostas pelos latifundiários, procurando com muito sacrifício e força de vontade elevar o grau de conscientização e mobilização dos trabalhadores rurais do Limão. Contando com a ajuda expressiva de lideranças sindicais do Estado, como Enéas Pinheiro, Alci Correia e outros, seu Rosa e seus companheiros fundaram o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Limão. Depois de muita luta e sangue, onde mais de 650 famílias de posseiros foram trucidas por policiais e grupos paramilitares organizados pelos latifundiários, seu Rosa teve que abandonar a região escondido num caixão com vítimas de uma chacina para serem enterradas em Ecoporanga, devido à vinda de um delegado da capital especialmente para assassiná-lo.

Hoje, com 72 anos de idade, seu Rosa é um exemplo vivo das lutas do nosso povo, que mesmo passando pelas maiores dificuldades, que o sistema impõe é capaz de produzir vários "Rosas" para colorir o imenso paralisado dos trabalhadores, que é o socialismo. (amigos da TO em Ecoporanga, Espírito Santo)

Brasferro demite metalúrgicos em massa

No dia 1º de outubro, 113 metalúrgicos da Laminção Brasileira de Ferro - Brasferro (empresa situada no município de Nova Iguaçu) - chegaram na empresa para trabalhar, mas seus cartões de ponto não estavam no quadro. Isso quer dizer que mais 113 famílias estão jogadas na situação de miséria e incerteza causada pelo desemprego.

O motivo das demissões é que a Brasferro não possui encomendas para o seu pleno funcionamento, por ser uma firma que não exporta; seu

produto é para o consumo do mercado interno em nosso país, que é pouco considerado pelo regime militar.

Os patrões não avisaram os empregados da situação de incerteza em que eles viviam, pegando-os de surpresa. Isso demonstra mais uma vez a pouca importância dada pelos patrões à vida da família operária. E assim mais uma vez eles responsabilizam a classe operária por uma dívida que ela não criou. (Amigo da Chapa 1 concorrente à eleição do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro)

Maluf engana a si mesmo com números fantasmas

A Convenção do PDS transcorreu no dia 11 de setembro e naquela data o candidato a sucessão Paulo Maluf prometera unir o partido no prazo mínimo de três dias; até agora nada conseguiu. Isto é uma prova de que nem todos se vendem.

Aqui no Nordeste os governadores estão recebendo todo tipo de ameaça política para decidirem apoiar Maluf. É uma tristeza ter que apoiar um candidato contra a vontade. Onde está a democracia neste país? Os nú-

meros de Maluf são como pés de cobra, nem ele mesmo vê. Aquilo não passa de chantagem psicológica que o mesmo vem criando para taper a alta cúpula, para que a mesma de força à sua candidatura.

É uma vergonha acreditar num candidato que vive enganando a si próprio e tentando enganar a nação com números fantasmas, diante das câmaras de TV de todo o país. (um amigo da TO em Alagoa Grande, Paraíba)

Fazendeiros desmatam e matam animais também

Consequências do desmatamento e as queimadas estão trazendo para a comunidade de Jacilândia, no município de Araguaína:

Quanto à poluição dos córregos, os mesmos ficaram contaminados com uma grande quantidade de peixes que morreram com o calor do fogo das derrubadas.

Além dos peixes, houve uma destruição na fauna: antas, tamanduas, guaribas, tatus, veados, jabutis etc. As águas dos córregos Grotão e Inhuma ficaram poluídas.

Não sabemos como viver neste lugar, porque os fazendeiros, além de serem responsáveis pelo desmatamento, não deixam os pobres tirar lenha para cozinhar alimentos, e nem

todos têm condições de comprar fogão a gás. Outros compram o fogão e depois não podem pagar o gás...

Os fazendeiros têm prazer de transformar tudo em cinza! Mas não aceitam que tiremos lenha para atender uma necessidade.

O desmatamento nesta região está sendo realizado através de derrubadas, queimadas e aplicação de inseticida.

Aqui em Jacilândia as pessoas têm cisternas em suas casas, mas para lavar roupas necessitam de água dos córregos e somos proibidos de utilizá-la pelos fazendeiros. Estes fatos são de conhecimento de toda a comunidade local. (presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araguaína, Goiás)

A dura vida do trabalhador

Terra em sangue história contada na fala do pédo galpão solitário e triste mate amargo fogo de chão

Terra verde tu já não me pertences oh esmeralda pois tens prados tuas flores já não são tão perfumadas

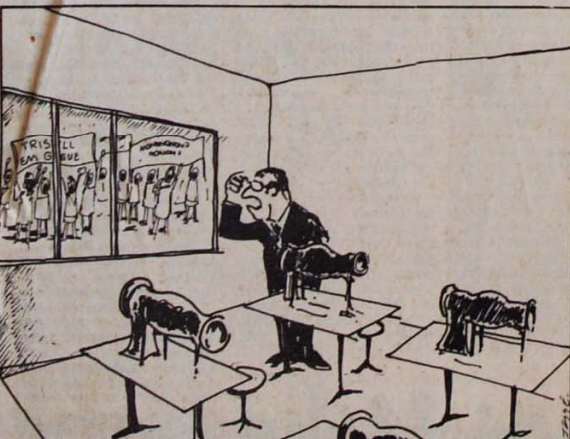
Herdeiros das terras de Deus perto está a liberdade pois o monstro que emerge do lodo não é o obreiro da igualdade

Trabalho e servidão mãos que falam e sangram Mas um dia tu serás combatente da liberdade que todos amam

Oh liberdade sonhada que até o falcão do medo há de coisurar e que nos campos lavrados o joio do trigo o seareiro há de separar

Levanta-te soldado de luta ergue o olifante do teu suor e labor e mostre ao mundo que agoniza a bandeira do trabalhador!

(João Rosa - Cachoeirinha, Rio Grande do Sul)



Greve na Tristyl tem vitória parcial

Gostaria que fossem registradas nesse combativo jornal as barbaridades que a fábrica Tristyl Confeções, em Taboão da Serra, vem cometendo em relação a seus funcionários, 90% mulheres e a maioria menor de idade. A começar pelo banheiro; para usá-lo é preciso ficha com hora marcada. As portas são pela metade, não tem privacidade para quem o utiliza. E como se isso não bastasse, o gerente da empresa se acha no direito de entrar lá na hora que quiser, para fiscalizar as meninas. Os salários são abaixo do piso. A exploração é selvagem. Cansadas desta situação, fun-

cionárias resolveram entrar em greve no dia 24 de setembro, exigindo melhores salários e condições de trabalho.

Houve violência por parte dos fura-greves ajudados pela polícia. O Conselho Estadual da Condição Feminina esteve lá seguindo seus objetivos de defender os direitos das trabalhadoras. Constatamos a inexistência de um Sindicato que representasse os trabalhadores daquela empresa. Eles são ligados diretamente à Federação que só passou a interferir no terceiro dia de greve.

As funcionárias em greve receberam em suas casas cartas de demissão por "justa

causa". Com luta e apoio da Federação, de parlamentares como o vereador Paulo Félix, da Secretaria do Trabalho e do Conselho da Condição Feminina, conseguiu-se reverter em parte a situação. As demissões conseguiram receber seus direitos, acabou a dita justa causa. E além disso elas vão abrir um processo coletivo de ressarcimento contra os patrões, para compensar a diferença de seus salários em relação ao piso durante todo o período em que trabalharam lá. (Mária de Lurdes Rodrigues, da Comissão Sindical do Conselho da Condição Feminina — São Paulo, SP)



Foto: César Diniz

O público que lotou o auditório era na maioria operário, mas o trabalhadores rurais também vieram

Tancredo fala aos sindicatos operários

Uma defesa enfática da Assembléia Constituinte e da retomada econômica, "para que não haja trabalhador sem trabalho", marcou o discurso de Tancredo Neves para os dirigentes de 187 sindicatos de trabalhadores, segunda-feira, dia 8, na sede dos Metalúrgicos de São Paulo. Ao final, ecoaram fortes os gritos de "Fora daqui o FMI!" e "Maluf no xadrez!".

O encontro foi definido pelo presidente do Sindicato anfitrião, Joaquim Andrade, como "uma visita sem solenidade". Outra reunião, mais ampla, deverá ser convocada

para que o candidato das oposições à Presidência da República dê resposta às reivindicações encaminhadas por uma representação de sindicalistas quando ele ainda ocupava o

governo de Minas. Mesmo assim, o auditório do sindicato na rua do Carmo ficou lotado por dirigentes sindicais, com forte predominância das categorias operárias, embora houvesse também um bom número de trabalhadores rurais.

Tancredo falou por último, após o secretário do Trabalho de São Paulo, Almir Pazianotto, o governador Franco Montoro e o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães. Lembrou que, na luta que continua hoje, "muitos conheceram a amargura dos presididos, outros tiveram que angustiar-se no exílio, outros tiveram que dar o sacrifício da sua própria vida". E enfatizou dois pontos: a Constituinte e a retomada do desenvolvimento.

"Ainda nos falta dar a este país uma Constituição livre e livremente votada por uma Assembléia Nacional Constituinte. Este é o primeiro e o mais sagrado de meus compromissos se vier a ser eleito presidente da República" - declarou Tancredo, entre aplausos. E agregou: "A que temos aí com o nome de Constituinte não é uma constituição para homens livres, é uma constituição para súditos e para vassallos, e nós, brasileiros, nós nascemos nem para sermos súditos nem para sermos vassallos".

Quanto à economia, o candidato frisou que os 11 milhões de desempregados e subempregados que existem no país são fruto de uma política de recessão feita "para atender às conveniências dos credores internacionais". E embora sem explicitar a atitude que preconiza diante dos credores, disse que hoje "a primeira e fundamental obrigação de um governante democrático", depois da Constituinte, "é pôr um termo a essa política monetarista que reduziu a nação ao desemprego, à miséria e à fome".

Liberdade é o ponto-chave

A Tribuna Operária ouviu um bom número de líderes sindicais presentes ao encontro. Todos, sem exceção, fizeram questão de destacar que antes de mais nada esperam do governo Tancredo Neves liberdade, para que o movimento operário avance na luta por seus interesses de classe.

Antônio Toschi, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco: "Tancredo Neves não é candidato de um partido, mas sim o candidato das oposições para pôr fim ao autoritarismo. Neste sentido, o movimento sindical deve apoiá-lo. Temos que intervir no processo, para que o candidato das oposições assuma compromissos com o movimento sindical. O que esperamos de Tancredo é que ele faça um governo com liberdade, que mude tudo o que está aí de autoritarismo, de ditadura. Tendo liberdade, o resto pode deixar com os operários e com o movimento sindical".

Antônio Guerreiro, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Ribeirão Preto e Sertãozinho: "A classe operária é a mais interessada na conquista das liberdades. Por isso ela está intervindo no processo sucessório, apoiando Tancredo Neves. Ela quer o fim do regime militar, o fim de Figueiredo e Maluf, quer liberdade, autonomia sindical, fim da Jei antigreja, fim das intervenções nos sindicatos, da LSN. Com liberdade, teremos condições de colocar na rua a luta pela reforma agrária e pelo fim do salário de fome".

Nilton Otaviano dos Santos, presidente recém-empossado do Sindicato dos Têxteis de São Paulo: "De um lado está Maluf, que representa a continuidade deste regime militar autoritário; de outro está Tancredo, que representa a possibilidade dos trabalhadores terem mais liberdade. Maluf é mais repressão às greves, é a cassação de diretorias sindicais atuantes. Por isto estamos apoiando Tancredo e, mais do que isto, estamos apresentando nossas reivindicações a ele".

Luis Carlos, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté: "Vimos dar nosso apoio a Tancredo Neves e cobrar o comprometimento do candidato oposicionista com nossas reivindicações principais. Alguns sindicalistas ligados ao PT dizem que Maluf e Tancredo são a mesma coisa. Isto é besteira. Se Maluf ganhar, teremos um Médico piorado: mais repressão, mais corrupção, fascismo puro. Ficar fora da batalha, ficar neutro, significa não participar do sepultamento do regime militar".

José Laurindo Portela, presidente do Sindicato dos Calçados de São José dos Campos: "Temos sentido nas fábricas, na nossa região, que a candidatura Tancredo vinha de encontro aos interesses do povo. O povo quer mudanças, quer ver o fim dessa ditadura, não aceita a pouca vergonha do Maluf. Nossa luta e organização aumentarão muito com liberdade. Só queremos liberdade, o resto pode deixar por conta dos operários. Nós sabemos o que fazer".



Foto: César Diniz

Guerreiro, Toschi, Luis Carlos, Nilton e Portela completa unanimidade quanto ao "xis do problema" no governo Tancredo

Um jornal nascido e criado em tempos de grandes combates

Há cinco anos exatos, em 16 de outubro de 1979, a Tribuna Operária lançava seu número zero. A 7 de novembro, data da Revolução Socialista de Outubro na Rússia, surgiu o número 1. Para os padrões dos jornais operários brasileiros, sempre perseguidos, sufocados, completar meia década de circulação regular é um feito que merece destaque. Por isso iniciamos aqui uma pequena série de artigos sobre a trajetória da Tribuna.



ção livre de uma Assembléia Constituinte.

"Para que o povo precisa da liberdade? Para lutar, em melhores condições, por uma saída popular para os graves problemas do Brasil" — afirmava o Editorial. E mais: "Jornal operário, assumimos como nossa a luta pelo socialismo. A missão histórica da classe operária não é apenas resistir à exploração capitalista. É criar uma sociedade livre de toda exploração. Fora desta meta final, as lutas de hoje perderiam o rumo".

Cada batalha destes cinco anos desde as greves operárias e os conflitos pela terra até a magnífica campanha das diretas e a atual disputa sucessória, confirmou a correção desta proposta. E mostrou também como se tornou impoável para os exploradores deste país dispor de uma imprensa própria, capaz de noticiar e analisar os acontecimentos em rápida evolução de um ponto de vista de classe, "a serviço do que há de melhor no movimento operário e popular", como a Tribuna se propôs a fazer.

TO cria sua 53ª sucursal

Apesar de ser um jornal pobre e lutar, portanto, com sérias dificuldades econômicas, a Tribuna é o órgão da imprensa brasileira que possui o maior número de sucursais no país, todas sustentadas graças à ajuda voluntária dos trabalhadores. Atualmente elas são 53, espalhadas desde Rio Branco, no território de Roraima, até Pelotas, Rio Grande do Sul. A 53ª vem de ser inaugurada em Paratinga, sertão da Bahia, com a presença de cerca de mil pessoas, personalidades e lideranças daquela cidade e do Estado. O deputado Luiz Nova (PMDB) denunciou na ocasião a apreensão de alguns jornais pela Polícia Militar local, afirmando que a Tribuna Operária tem sido perseguida pela ditadura. "mas resiste e se consolida, completando cinco anos ao lado dos trabalhadores e da classe operária". No final, o representante da TO local agradeceu a colaboração financeira e material de muitas pessoas da comunidade para a realização do ato.

PLEBISCITO EM MINAS

Em Belo Horizonte, um grupo de tribuneiros promoveu domingo, dia 7, um plebiscito na feira de Padre Eustáquio sobre a sucessão, como parte das comemorações do aniversário da TO. E aproveitaram para convocar o povo para um debate sobre "a imprensa operária e a sucessão", terça-feira, dia 16, às 20 horas, na Casa do Jornalista. O plebiscito confirmou que o povo não se engana: Maluf teve 33 votos, contra 549 para Tancredo e 17 nulos.

O DESAFIO DO FUTURO

Esta constatação não vale apenas para o passado. A nova fase que se anuncia no país, ao contrário do que sonham os políticos de visão curta, não será de conciliação e pasmaceira. A crise econômica, o avassalamento do país pelo capital estrangeiro, a exacerbação extrema das contradições de classe e o desmoronamento do regime militar se conjugam, apontando no sentido de choques sociais e políticos ainda maiores. Hoje, delineia-se com nitidez uma forma concreta e viável de pôr fim à ditadura, com a vitória da candidatura Tancredo Neves e a convocação de uma Assembléia Constituinte livre e soberana. Tal fato, porém, longe de amainar as lutas da classe operária e do povo, apenas possibilitará que elas se desenvolvam mais livremente, em melhores condições, até a conquista das transformações de estrutura que a crise brasileira reclama.

Isto aumenta a importância e também a responsabilidade da Tribuna Operária. Numa situação complexa, tempestuosa e em desenvolvimento cada vez mais acelerado, compete a ela servir como organizador coletivo, não tanto no sentido restrito do termo, mas antes de mais nada como organizador de opinião pública — apresentando de forma sistemática, articulada e coerente os problemas que se colocam na ordem do dia e as tarefas que se impõem para a classe operária e o povo, e formando em torno de si uma corrente de opinião de massas, ampla, difusa em certo sentido, mas razoavelmente unificada no plano das idéias.

(Bernardo Joffily)

Um programa em definição

Em encontros como o do dia 8, assim como nos grandes comícios, o povo trabalhador tem uma oportunidade de ouro para imprimir sua marca no programa do governo de Tancredo Neves. Apoiada num vasto leque de forças, que inclui uma parte das classes dominantes, a candidatura Tancredo Neves sofre pressões contraditórias na definição de seu programa. As áreas conservadoras exigem definições rápidas e, naturalmente, conservadoras. Enquanto que os setores ligados ao povo trabalhador apostam na mobilização de massas para fazer prevalecer os pontos que julgam essenciais no governo de transição democrática.

Destes pontos, o número um, da Constituinte, está mais definido. Outros, nem tanto. Cabe ao movimento popular, desde já, exercer o legítimo direito de puxar a brasa para a sardinha do avanço.



Tancredo de 1980: estudantes aceitam tomar contato com a Tribuna